

QUINTA-FEIRA
Lisboa--20 de Agosto de 1931

5 TOSTÕES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

274

sempre

fiel semanário humorístico

Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

As excursões de fim de semana



Lições de economia para os pobres! Todos aproveitam as excursões de fim de semana, que a C. P. faz para um preço muito baixo. Mas há de quem não se dá ao trabalho de ir aos pontos de partida e instalar-se nos melhores hotéis. Tudo isso por preços que deixam de ser inacreditáveis, porque toda a gente crê na sua barateza, correndo em bicha aos «gulechets» da Companhia.



Os ditos da semana



Dafundo O paquete «General San Martin» encalhou, ao sair a barra, em frente do Aquario de Algés, que é, como se sabe no Dafundo.

Estamos daqui a vêr como o caso se passou.

Fazia um denso nevoeiro. O capitão, pessoa cautelosa, poz o imediato de alalala para que prescrutasse a través da serração e o fosse informando do que via e das alturas por onde iam passando, tanto quanto lhes permitisse a densidade da neblina.

—Vê alguma coisa, imediato? teria perguntado o capitão.

—Não vejo nada. Podemos ir andando.

E o capitão a certificar-se melhor:

—Não estaremos muito para terra, já com pouca agua? Onde vamos nós?

—Dafundo, respondeu-lhe prontamente o imediato.

—Então se dá fundo, podemos navegar a vontade.

Palavras não eram ditas, o navio encalhava, dava fundo no Dafundo.

Inconvenientes dos capitães dos navios ingleses sabem portuguez.

Culinária Uma vez por outra, encheremos um cantinho desta paginha com uma receita culinaria, o que por certo deve ser muito grato ás nossas gentilissimas leitoras, que assim terão occasião de ir aprendendo alguma coisa dessa arte admiravel com que se cativam os maridos.

Bacalhau albardado

Feita a recomendação previa de que este prato só deve servir-se quando haja visitas, vamos á receita:

Compra-se uma boa posta de bacalhau já demolido para se ter a certeza de que metade do pezo é dá agua. Embrulha-se cuidadosamente num papel bem limpo e, leva-se para casa pela mão, que o bacalhau salgado que é muito teimoso, teima em não ir pelo seu pé. É conveniente não o meter nunca debaixo do braço, porque nem o bacalhau gosta de sovaco, nem o sovaco gosta de bacalhau. Uma vez em casa, desembrolla-se com os mesmos cuidados, colocando-o num prato coberto com uma rede, por causa das moscas que, neste caso, são os gatos da vizinhança. Convem que o prato não seja chato que é para o bacalhau não se aborrecer em-

O NOSSO CONCURSO

Parodia á quadra premiada do "Diario de Lisboa"

O grande exito do nosso concurso avalia-se facilmente pelo numero de votos que temos recebido, demonstrando o interesse do publico pelas quadras que no ultimo numero publicámos.

Os nossos leitores, talvez porque, como diz o ditado popular, «cada cabeça cada sentença», teem-se manifestado das mais diversas maneiras. Todavia, duas quadras ha que bem flagrantemente teem merecido o favor do publico.

Até hoje, as duas mais votadas são as seguintes:

*Se era em baixo, no regaço,
Que dormia esse sujeito,
Não pode ser disso a nodoa
Que a senhora tem no peito.*

*Tenho uma nodoa no peito
Que hei de mostrar ao meu Jor,
Se calhar é deste geito
De trazer «soutien-gorge».*

Logo não quer dizer, é claro, que estas venham a ser as premiadas, porque de hoje para o futuro podem outras merecer os votos dos nossos leitores.

No genero lirico, a mais votada até este momento é a seguinte:

*Amêi-te por seres perdida,
Mas agora olha o efeito:
A nodoa da tua vida
Fez-me uma nodoa no peito.*

E agora quem ainda não votou que vote, para dar o seu voto ao seu dono, que é como quem diz dar o premio a quem o merece.

DR. CAMPOS LIMA



Em assuntos de amor fala, escreve e actua com o coração nas mãos. No «Romance do Amor» — um amor de romance! — Campos Lima lima as setas de Cupido, aguçando-as, para que estas penetrem até o fundo dos corações femininos.

quanto espera. Em seguida, e noutro recipiente, juntam-se todos os engredientes necessarios para dar ao bacalhau um bom paladar, caprichando em que todos eles sejam da melhor procedencia e prepara-se tudo convenientemente com os maiores requintes, até que se cosinha com esmero, devendo ter-se sempre em conta que o lume não deve ser nem demais nem de menos. Quando se tira de cima do logão convem faz-lo com muito cuidado para que não aconteça que o acepipe vá parar ao chão, e manchar o soalho, o que é sempre muito desagavel não para o bacalhau que já sabe que peor destino lhe está reservado, mas para a cosinheira que tem de lavar o sobrado.

E pronto, está o bacalhau albardado; é só servi-lo.

Para o resto não ha receita, a não ser que o bacalhau provoque envenenamento, intoxicação ou qualquer outra perturbação gastrica, porque nesse caso entrem a receita do medico.

E se as visitas forem tão pouco delicadas que protestem e declarem que o bacalhau está intragavel, tapa-se-lhes a boca com esta:

—Eu já lhes tinha dito que isto era um bacalhau albardado, e, além disso, vocencias bem devem saber que o bacalhau, como o burro, se albarda á vontade do dono...

E acabaram-se as visitas para almoçar.

sempre
fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

| | | |
|-------------------------|------------|-----|
| Continente e ilhas... | Ano: | 264 |
| | Semestre: | 132 |
| | Trimestre: | 66 |
| Colonias portuguezas... | Semestre: | 155 |
| | Ano: | 305 |
| Estrangeiro..... | Ano: | 345 |

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto agora, é, por tabela.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

Silvestre Alegirim

O nosso Vasco Sant'Ana é uma joia de grande peso. Calculem que ele agora, como andava triste, deliberou dedicar-se ao corpo coral e a... alegria voltou.

DIZEM que a valsa da *Severa* foi finalmente interpretada por Erico Braga e Dina Teresa na inauguração do Casino do Estoril.

CONSTA que o Armando Machado, devido ao importante e exaustivo trabalho que tem no «compere» do *Al-ló*, emagreceu. Está 30 por cento mais magro.

PARTIU para as Caldas da Rainha, onde vai adquirir um «Zé-Povinho» para lhe servir de mascote, o ex-conhecido homem de teatro e ex-conhecido empresário Vitor Lopes.

Consta-nos também que de volta por estes dias às Caldas os cenógrafos Antonio Soares, Carlos Barros e Barradas.

O Seixas Pereira está um verdadeiro despertista.

No domingo passado, do *football*, o *pushing-ball*, o *base-ball*, até ao ciclismo, tudo foi cultivado. Carcavelos marca a maravilha da Costa do Sol, que nos domingos se poderia chamar a Costa das Estrelas.

Mas, de todos os desportos, o que o Seixas mais cultivou foi o *base-ball*.

Andou por lá aos bases a toda a gente...

AMELIA Rey Colaço foi convalescer da sua grave doença para uma linda praia. Apenas a acompanharam a sua criada, as crianças dela e as criações de penas. A partida efectuou-se na segunda-feira... de traz do teatro Nacional para Biarritz. Telegramas recebidos de varios



—Mas se o vinho te custa mais caro, porque não lhe misturas agua?
—Olha que novidade, é isso mesmo que costume fazer...



O magnifico Timpanas da «Severa», um actor para toda a obra, um cocheiro com categoria para ser puxado a quatro parelhas. Alegirim, a alegria da «Severa».

pontos do país assinalam a passagem da camioneta ainda em bom estado e a tripulação sem enjoar.

VAI proceder-se, nos teatros de Lisboa, á eleição da mais linda corista.

É uma simpatica iniciativa do nosso colega *Noticias Ilustrado*.

No entanto, entre as pequenas, já tem havido varias picuinhas por causa do concurso, constando-nos que, para evitar qualquer sensaboria, eles já não as elegem.

Nós também estamos convencidos que eles não fazem as eleições...

FALA-SE muito na paixão violenta de um moço cenógrafo, ultimamente posto em foco por uma questão com um já antigo empresário, por uma veneranda actriz do nosso teatro.

Parece impossível um cenógrafo futurista a dedicar-se a cenas antigas...

OS artistas do Variedades estão

explorando, ao que consta, aquele teatro em sociedade artistica, com a revista *O Canto da Cigarra*.

O empresário que lá estava resolveu ir fazer uma *tournee* pelo país e deixou o teatro.

Foi somente um empresário para o canto.

REALIZA-SE todas as noites, no Maria Vitoria, o julgamento do Costinha. Apesar de ser defendido pelo Antonio Silva, o José Santos, sem dó nenhum, condena-o, porque a queixa apresentada pelo Artur Rodrigues é fundamentada num relógio sem corda.

Sim, porque a corda quem a tem são os artistas, que chegam por noite a fazer dois *Viva o Jaz*: pelo preço de um.

NO Trindade, aquele *Beijo na face*... é o belzinho das representações dos teatros cá do sitio.

AFINAL, o grande interesse em fazer o Congresso da Critica em Portugal não é nosso; é dos cri-

ticos estrangeiros, que desejam aprender a fazer critica com os nossos.

Consta que durante as festas a realizar em homenagem aos criticos, será representada uma revista em um acto, original de Bernard Shaw, Luigi Pirandello e Lino Ferreira.

ANUNCIA-SE para breve uma peça intitulada *Botão de Rosa*... Não tenha ela a vida duma rosa...

EMANCIPARAM-SE os *Meninos de Ouro*.

Como já estão uns homenzinhos, vão para o estrangeiro educar-se.

POR Africa, a companhia Hortense Luz continua singrando maravilhosamente.

Calculem que, até á data, ainda se não dissolveu, o que é um facto inédito em companhias que vão á Africa.

VAI ser entregue á companhia do teatro da Trindade uma comedia com o titulo: *A D. Carolina*.

O protagonista vai ser desempenhado pelo actor Samwel Diniz.

O concurso das quadras do teatro Avenida tem dado optimos resultados.

Os vates com quadras são aos milhares.

Um poeta consagrado que tambem concorreu e que não teve premio protestou, alegando que a sua quadra merecia dois premios em vez de um. O Santos Carvalho ouviu a queixa e depois respondeu-lhe:

—Oh vate, porque não vates tu a outra porta?

O HOMEM DE TODAS AS HORAS



—A noite passada um gatuno aproveitou a minha saída e entrou em minha casa.

—E que te roubou ele?
—Não sei, minha mulher imaginou que era eu que tinha entrado...

OS INGLESES

Toda a gente, ou pelo menos quasi toda a gente sabe que os ingleses são umas pessoas de cabelo louro, de três metros de altura, mais direitos do que um poste dos electricos, uns pés enormes proprios para montar num um casino, noutro um hotel; emfim, toda a gente sabe que os ingleses são umas pessoas metódicas, com horas para tudo, inclusivé para pôr nos relógios.

Mas, além destas qualidades, teem os ingleses muitas outras e algumas até desconhecidas. E' que os ingleses, além de todos aqueles defeitos ou todas aquelas qualidades, como lhes queiram chamar, teem uma outra: quando fazem uma afirmação é porque ela é muito concreta, é porque teem a certeza do que afirmam.

Para se avaliar o que é o espirito, a maneira de ser dos naturais da Gran-Bretanha, vamos contar uma historia, de que garantimos a autenticidade.

Três ingleses, residentes ha já alguns anos em Portugal, costumavam reunir-se todas as tardes no Rossio, no Café da Brasileira. Uma das tardes, estavam os nossos amigos á porta, vendo quem passava, quando pela rua passou um luxuosissimo automovel. Ao vêr o elegante carro, um dos ingleses, que percebia daquilo, não se conteve que não dissesse:

— Oh! que carro tão elegante! E' um Buick. (Ele disse isto em inglês, mas vai traduzido para mais facil compreensão do leitor).

Continuaram calados e, meia hora depois, um outro inglês abriu a boca e disse:

— Perdão, o carro não era um Buick, era um Marmon.

Novo silencio e, hora e meia depois, o primeiro inglês voltou a falar e rebateu o que o segundo tinha dito.

— Não era um Marmon. Eu vi muito bem que era um Buick.

E de novo se calou. Passaram de novo duas horas de silencio á roda dos três ingleses, até que o terceiro inglês, o que ainda não tinha falado, se resolveu tambem a dizer duas tréas e, preparando-se para se retirar, declarou:

— Senhores, eu vou-me embora porque não gesto de vêr ninguem discutir.

MANOEL DUQUE.

Um salto mortal

Por vezes, nas paginas dos jornais, um salto de composição dá lugar a uma grande alteração no sentido das frases, até de forma a não permitir a sua reconstituição ao mais arguto dos leitores.

Um salto de composição faz por vezes o leitor lêr coisas extraordinarias, que ou collocam o jornal na categoria duma leitura pornografica ou o redactor que escreveu a noticia truncada numa posição muito pouco lisongeira.

Pois um salto identico um verdadeiro salto mortal, foi o que uma vez deu um bom pastor protestante que lia uma passagem da Biblia aos seus fregueses que o escutavam embevecidos.

Dizia o padre: «Então Deus deu uma companheira a Adão». E, voltando duas folhas em lugar do uma, continuou, perante o auditorio estupefacto: «E era alcatroada por dentro e por fóra e cheia de todas as especies de animais!»

E' facil de perceber que o bom padre tinha ido parar á descripção da Arca de Noé.

Calcule-se, porém, qual seria a impressão causada nos assistentes por esta lapidar descripção da primeira mulher que houve no mundo!

A. N.

Tac-Tac-Tac

Não se calcula o sucesso que o ultimo artigo de sobrepeliz do Antonio Ferro causou em Lisboa.

Pelas ruas, uma multidão metálica e flambitica acotovelava-se perfeitamente Estados Unidos da America, enquanto a luz alcoolica punha manchas incertas nas pedras róxas do asfalto. E, ansiosamente, os individuos, as pessoas, os homens e as mulheres, os cidadãos numa palavra, ansiosamente perguntavam uns aos outros, com uma grande e luminosa angustia nos sapatos envernizados:

— Para onde vamos? para onde vamos?... para onde vamos?...

Até que do Governo Civil saiu o piquete de serviço que, barrando literalmente, á letra, lado a lado, três-vés, aquela arteria-aorta de Lisboa, os passos-perdidos da capital, a passagem Capitoiina... da Silva ou para o Silva já esquecida, como todas as gerações passadas, ou para a Garrett, que é a ante-câmara dos Jeronimos—a policia, tomando a rua, respondia, ao mesmo tempo que distribuía alguns sócos e encontrões:

— O caminho é p'ra frente e é provido a ficar parado.

* * *

Havia um amigo meu to que é a ambicão! que logo que leu o artigo resolveu relacionar-se com os tais que vão ser educados para mandar.

— Onde estarão eles? — perguntou, completamente absoleto.

E pôs-se a pensar, o que com este calor é muito perigoso. Rayon é palavra francesa... Isto deve ser no Printemps, onde já lhe haviam falado no rayon du blanc.

Subiu ao 2.º andar e interrogou o primeiro empregado que lhe apareceu:

— Onde é o rayon da autoridade?

— Isso não é aqui, com certeza. — respondeu aquele, sorrindo com maliciosa bonhomia.

O meu amigo encordoou e quiz saber, á viva força, o nome e o sitio de cada uma das secções. Até que, vendo uma porta fechada, que o paciente empregado não tenteara á sua curiosa analyse, inquiriu, desconfiado:

— E' aqui o tal «rayon» da autoridade?

— Não senhor! — respondeu pronto o pobre do continuo. — Isto aqui é o cabinet d'aisance.

E, para melhor se fazer compreender, traduziu:

— O que vulgarmente se chama — a pia.

* * *

O sr. Mendes Lobato, que ha vinte anos reúne elementos para uma volumosa Historia dos sinos de Portugal, ou Portugal num sino, botou-se a caminho da Fundição de Canhões, onde exactamente agora estão a fundir (como muito bem informou o publico o Diario de Lisboa) trescentos canhões para moldar a cabeça do Marquez de Pombal, que assim fica de molde a poder resistir a todas as marretadas que os jesuitas lhe mandem descarregar no cucuruto.

Lobato, com o seu livro de notas em punho (notas-apontamentos, bem entendido) informou-se junto do encarregado da 1.ª officina:

— Aqui é que estão os sinos para fundir com o efeito da Autoridade?...

O humilde funcionario não percebeu lá muito bem a resposta, mas respondeu lóguissimo:

— Na! Estes já estão fundidos e refundidos. E, por sinal, bem mal pagos; que até nem sequer os vieram ainda buscar...

* * *

A anciedade que boquiabertava Lisboa inteira, Portugal, Lisboa-Portugal, Portugal-nós-todos, foi, porém, felizmente satisfeita dois dias depois do já celebre artigo ter apparecido. Como sempre succede, quando o Noticias fala dele, lá vinha o retrato de Antonio Ferro e a explicação do seu dinamico-marasmatico artigo.

Quem se fundia? Toda Lisboa, num grande entusiasmo.

O que se refundia? A Illustração.

E então? Então aí temos tudo comprehendido. O Ferro queria dizer na sua que nascera para mandar e, como, por enquanto, não podia mandar mais á vontade, estabeleceu a sua autoridade no «rayon» da Illustração.

Ora, aí, sim senhor: como director duma grande revista, Antonio Ferro manda onde sabe mandar.

E dê-se por feliz: que ele, hoje em dia, ha quem nem sequer possa mandar cantar um ego.....

CIRANO DE VELHOFRAC.



— Porque deitas fóra esse peixe que pescastes?
— Porque é o unico peixe que ha neste rio...

Graça dos outros

Entre miudos:
— E como descobriu a mamã que não tinhas tomado banho?

— Porque me esqueci de molhar o sabão!

* * *

No hotel:
— V. ex.ª é a madame Antunes?

— Não, a mademoiselle Antunes!

— Perdão, a culpa foi minha!

— Não, não, é minha porque não me pinto como a minha mãe!

* * *

Na rua, de noite:
— Perdeste alguma coisa?

— Sim, ali!

— Mas porque procuras aqui?

— Porque aqui ha mais luz!...

* * *

A patrão: — Mas que prato tão apetitoso que estás fazendo!

A cozinheira: — Sim, minha senhora, é para o meu rapaz...

* * *

Na taberna:
— Quere um copo de vinho? Já lhe perguntei seis vezes.

O surdo: — Não faz mal! Bebo agora os seis...

* * *

No tribunal:
O juiz: — E' a quinta pessoa que você atropela este ano!

O réu: — A quarta, sr. juiz! A umas delias atropeliei-a duas vezes...

* * *

Na praia:
— Disseram-me que esta rapariga segurou as pernas em 500 contos!

— Mas não prestam para nada! São delgadas como fosforos!

— Por isso mesmo! Naturalmente segurou-as contra incendio!...

* * *

Tambem na praia:
O policia: — O senhor não sabe que não pode andar em mallo!

Ele: — E' que me roubaram o facto enquanto tomava o banho!

O policia: — Então o que lhe roubaram!

Ele: — O chapéu e as sandalias...

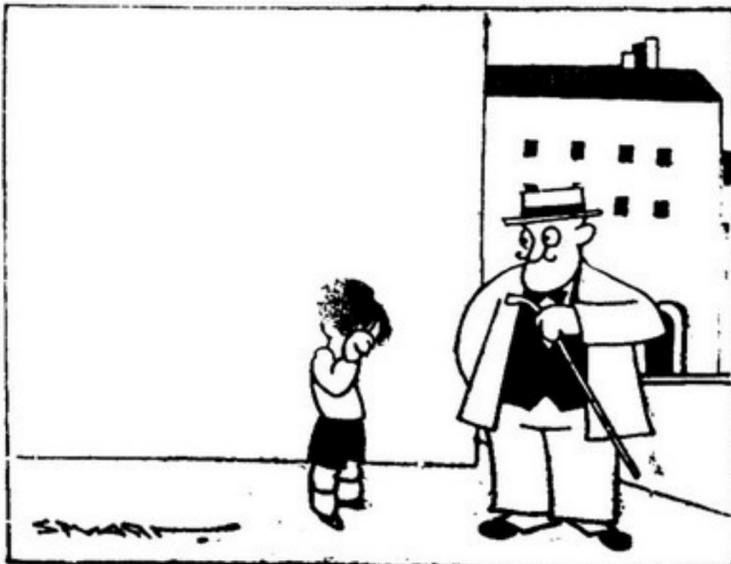
* * *

O alfaiate: — Então o senhor não se decide a pagar a conta?

O outro: — Por agora, não! Aderi á proposta Hoover da moratoria dos débitos...

* * *

Justa precaução



— Que tens tu pequeno?

— Dei-me um dente.

— Então vai para casa.

— Não vou porque meu pai é dentista!...

Nem tudo em Queluz é ouro...

QUELUZ — Agosto de 1930:

Ao iniciar as minhas correspondências, saúdo o grande paladino do humorismo *Sempre Fixe*. (Parece-me que é assim que se costuma entrar!) Como não existe imprensa local, a população andava contristadíssima por falta de referências á sua terra. Andavam todos com cara de canguru á paisana, mas assim que souberam que o *Fixe* tinha cá um correspondente, houve foguetório, bailaricos e concertos pelo formidável grupo «Queluz-Clarinete Club». E' portanto a Queluz, vila do lixo, da escuridão, da má-lingua, do trabalho e da honestidade que eu vou dedicar esta cronica, a pedido da sociedade elegante e das soneiras em bom estado de conservação. E quando os inumeros leitores da terra a acabarem de ler, não se atrevam a excomungar-me e convençam-se que o seu autor não a quiz ferir, mas apenas caricaturá-la levemente. E creiam que este frete é maior do que carregar mobílias para um quinto andar...

Ora comecemos:

Para se viver em Queluz, ao contrario do que muitos supõem, é necessario não ter dinheiro... para alugar casa em Lisboa. E por ser assim, procurei naquela encantadora vila uma casa, que consegui encontrar num local desconhecido e que, por ironia do Destino, se chama Vila Furtado. O senhorio chama-se Furtado, mas o roubo sou eu, visto não ganhar para a instalação de petroleo que no ano de dois mil ha de iluminar aquela aristocratica vila. Em Queluz ninguem rouba, nem mesmo os merceiros, entre os quais ha um que em tempos foi um terrivel ciclista que no final das corridas... era sempre corrido á batata! Foi por isto mesmo que ele se transformou em merceiro combatente... da Rua 9 de Abril!

Em Queluz predomina o Amor e de forma tão assustadora que mais parece uma epidemia. Todos amam. Uns as bebidas alcoolicas, outros os rabos, rabanetes e pes-

cadinhas de rabo na boca, outros os passeios nocturnos e todos, como que combinados, as mulheres. Até já se alvitrou a organização dum concurso de D. Juans rusticos e urbanos!

Existe em Queluz o Amor em todos os tempos. Ha do ano de 1950, 830, 820 e tambem o de 914, de tristes recordações: a guerra...

Divertimentos temos no Parque dos Manos... Desavindos.

Obras d'arte são dignas de ver-se as seguintes: Ruínas do Palácio de Queluz, edificio da estação dos telefones, as frequentadoras dos bailes domingueiros, a barriga do gr. Lombarda e os pastels de cimento da «Primorosa».

E' tambem notavel e digno de admirar as folhas das arvores que atapetam as ruas, o policia (este só se vê com binoculo de grande alcance!) e a forma imperfeita como se falsifica aguardente em todas as tabernas.

Incidentes, poucos. Apenas os provocados pelos passageiros que se fartam de esperar pelas camionetas e por aqueles que á viva força desejam que os comboios esperem por eles.

Figuras historicas da terra: o Calcinhas, que joga o burro americano mesmo a vender jornais, e o empregado da C. P. que faz serviço na cancela, por se abraçar áqueles que, atzados, não querem perder o comboio das nove e vinte...

Figuras prehistoricas: o aziteiro, o burro e as respectivas vazilhas. Aconselho tambem o *touriste* a admirar o relógio da estação na figura do chefe Guimarães, nascido e baptizado em Chão de Maças.

Para se ir a Queluz é conveniente não esperar o comboio no Cais do Sodré. Os comboios partem da estação do Rossio e quem sofrer de falta de ar pode ir no «electrico» de Bemfica e em seguida mete-se na camioneta da carreira, mas, se tiver muita pressa, aconselho a ir a pé...

ROCIX.

CONCURSO DAS COSTUREIRAS



— Que pena que eu tenho de já não ser costureira! Não podia ser agora eleita «Rainha de Portugal»?...

HISTORIA

de todos os tempos

Na Turquia narra-se um episodio gracioso.

Atribue-se a historieta a um grão-vizir que morrera alguns anos antes da Grande Guerra, e que era considerado como uma verdadeira mosca branca no capitulo da incorruptibilidade. E, devido a esta rigidez de caracter, caíra no desagrado do sultão Abdul-Hamid, que não gostava de ver a seu lado pessoas honestas.

Mas vamos, sem divagações, ao conto.

Vinte anos atraz, uma sociedade de capitalistas franceses solicitou do Governo otomano uma importante concessão, disputada por uma companhia alemã.

Para vencer a luta era indispensavel o apoio do incorruptivel grão-vizir. Como legrá-lo?

Os franceses foram até ele e de tal modo se houveram que conseguiram convencê-lo.

Com effeito, pouco depois a sociedade francesa obtinha a concessão, e como o bom exito alcançado se devia unicamente ao apoio do grão-vizir, os franceses pensaram logo em pagar essa protecção por meio das tradicionais luvas. Porém, como fazê-lo sem ofender a susceptibilidade do incorruptivel homem de Estado?

O presidente da sociedade, homem pratico, conhecendo os homens e sabendo da paixão do vizir pelos livros, fez encadernar ricamente um molho de bilhetes do Banco, como se fôra um livro, e mandou pôr no lombo, em letras de ouro, «Vitor Duruy — Historia de França».

Procurando o grão-vizir, ofereceu-lhe a valiosa lembrança, dizendo:

— Alteza, conhecendo nós o vosso acrisolado amor pelo nosso país e a vossa afeição aos estudos historicos, e não sabendo como demonstrar-lhe a nossa gratidão pelo vosso generoso apoio á nossa sociedade, permitimo-nos oferecer-lhe a «Historia de França», por Duruy.

E passou-lhe para a mão o livro.

O vizir tomou-o sorridente, passando rapidamente as folhas pelos seus dedos, a fim de se aperceber do numero de paginas, e, com o mais amavel dos seus sorrisos, disse ao seu interlocutor:

— Agradeço de todo o coração a vossa bonita lembrança, mas permita-me fazer-lhe notar que a «Historia de França» de Duruy, está publicada em dois volumes e eu não gosto de obras incompletas.

No dia seguinte, o incorruptivel grão-vizir recebia o segundo volume...

Uma fera

A minha comadre Fedra, ao ver o seu primo Isidro, arremessou-lhe uma pedra, que foi acertar num vidro.

Em lhe cascando dois tintos, quando vai ao campo á redra, põe a nú seus maus instintos a minha comadre Fedra.

Toda em risos se escancara se vê voar algum hidró; mas muda logo de cara ao ver o seu primo Isidro.

Ha dias, sem mais aquela, na taberna do Saavedra, cocando o primo á janela, arremessou-lhe uma pedra.

Se o Isidro ficou salvo, foi porque a pedra, ao alvidro, bateu tão fôrta, do alvo que foi acertar num vidro.

ANTONIO AMARGO.

REPRODUÇÕES
FOTOGRAFICAS
TRABALHOS
D'ARTE



NO FOTOGRAFO

— E quanto me leva por fazer um pequeno?

Elevador da Gloria

Pedindo emprego:

— Diz-me que esteve dez anos no seu ultimo emprego. Isso é uma garantia! Mas diga lá porque saiu?

— Porque fui indultado pelo Chefe do Estado...

★ ★ ★

A cartomante, telefonando para sua casa:

— Estás lá, Maria?

— !...

— Diz-me, quem vai hoje jantar a nossa casa?...

★ ★ ★

Papá! Quando casar levo o piano?

— Sim, levas, mas só o digas ao teu noivo quando saíres do registo civil...

★ ★ ★

Entre miudos:

— Sabes porque os caçadores fecham um olho quando apontam a espingarda?

— Porque, se fechassem os dois, não viam nada!...

★ ★ ★

— E você tambem se dedica ao desporto?

— Oh, sim, muito! A' fotografia para emagrecer e empobrecer.

★ ★ ★

— Eu não posso tomar café porque me tira o sono.

— Pois comigo succede o contrario: quando durmo não posso tomar café.

★ ★ ★

— Ai, meu padre! — dizia o moribundo ao sacerdote que o ia confessar — que dinheiro vou gastar com a sua assistencia religiosa?

— Você, nada, absolutamente.

— Deveras?!... — exclama o aváro, no meio da sua dôr.

— Quem me ha de pagar são os seus herdeiros...

★ ★ ★

— Você quer um ordenado grande demais para quem tem tido tão pouca experiencia.

— Então, senhor, bem vê que o trabalho é muito custoso de fazer para quem não sabe!

★ ★ ★

O marido: — Tu falas em sapatos e meias de seda! Não te podias ocupar de coisas mais elevadas?

A mulher: — Que queres? Quando te mostro os meus chapéus, tu não das atenção!...

★ ★ ★

Entre amigas:

Maria: — Está Nova de Antónia?

Joaquina: — Estou! E tu?...

CANIBAIS

—ELISABETHVILLE, 31.— A expedição de represalias, enviada para vingar o commissario belga Baump, que foi morto e devorado por uma tribo de canibais, surpreendeu esta em Indele, sobre o Kwil. Trouxe uma luta encarniçada, tendo ficado mortos o chefe da tribo e cinco indigenas.

(Cópia de 1-8-931).

Que linda coisa a Civilização!
Como é belo ser Ente Superior!
Que honrosa distinção!
E' belo, sim, senhor!
Quanto daria um fero canibal
por usar chapéu alto e pôr gravata;
ser bispo ou general,
juiz ou diplomata?!
Que bela coisa um ser civilizado!
Um ser que se massaja, rapa e pinta
e, por ser aceado,
... se emporcalha de tinta!
Quanta ternura, quanto amor encerra
cada peito cristão! Que bem nos faz!
Tudo paz pela terra!
Tudo paz... Tudo — paz!!!

Certo grupo antropofago,
vendendo um *touriste* a visitar-lhe as ca-
sas,
passou-o pelo esôfago
... depois de o ter passado pelas bra-
zas.

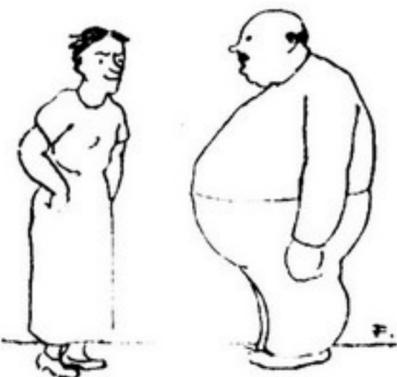
Aqui, só vejo historia... natural:
S...vem-se os usos dêles...
— Quem não cultiva a *moda* canibal
não vai lá dar-lhe as *peles*!...
Houve quem não gostasse
da plada voraz da grei selvagem
e logo se empenhasse
na represalia da canibalagem.
Parte uma expedição a dar caçada
aos brutos infieis...
— Pois só por represalias e mais nada
... matam apenas seis!...
E se não mastigaram os defuntos
que fizeram por lá
— é que já conheciam os presuntos
e mais os *foie-gras*...

Entre os maus canibais
e os nobres vingadores,
só vejo uma diferença, nada mais:
— os rasgados louvores
rendidos pelo Mundo, nos jornais...

Como é belo ser ente superior!
Que honrosa distinção!
Repito, sem favor:
— Que linda coisa a Civilização!

S. NEVES.

Martirios dos gordos



— O' Maria, que sapatos tenho
calçados: são os pretos ou os ama-
relos?

Quereis dinheiro ?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes

A vendedeira de suspiros

Não julguem que se trata de uma dessas mulheres que costumam acampar à porta do «Chan-tecler» e tem um escaparate muito sujo, montado sobre uns pés de dobradça.

Miquelina vende suspiros, sim, mas não dos que se fabricam com clara de ovo, assucar e raspadura de limão.

Os suspiros de Miquelina são arrancados do fundo do seu avantajado arcabolo e acompanhados de gestos e olhares que mais lhes valorizam o efeito.

Tem-nos de varias categorias: compassivos, melancolicos, raivosos, histericos, tragicos e variam de preço consoante a especie, a intensidade e... a qualidade do fre-guês.

Como ela começou a sua industria é uma historia simplicissima. Um dia foi assistir à viuvez de uma visinha.

A casa, numa obscuridade de *nojo*, estava cheia de visitas que carpim o *doloroso transe* e ajudavam a viuva a chorar a sua dor. Quem chora, alivia! Mal a viuva distraia o seu sofrimento, falando de modas ou doutra coisa de igual transcendencia, logo uma amiga se lhe acercava, aconselhando-a a que chorasse para aliviar as penas do coração. A's vezes as lagrimas não surgiam com a prontidão desejada; então Miquelina arrancava um suspiro em lá bemol ou dó sus-tenido e o resultado era infalivel: tudo chorava...

Tão bem e tanto suspirou que as... pessoas que entravam jul-gavam ser ela a verdadeira viuva.

— Estou tão mal disposta — se-gredou-lhe a visinha. — Não sei se foi da sopa de feijão, mas tenho umas dores... Se tu ficasses em *minha* vez, enquanto eu vou lá dentro, era um grande favor.

Miquelina acedeu e suspirou e gesticulou e fez caréas e mungiu o nariz... em resumo, fez tudo o que uma inconsolavel viuva deve fazer nessas occasiões.

Quando chegaram os gatos pin-gados para transportar o morto, ela foi patetica e, como a ex-esposa ainda não voltara á sala, Miquelina continuou exuberante-mente a fazer as suas vezes.

O cangalheiro, verdadeiro ho-mem de negocios, viu em Mique-lina uma nova fonte de riqueza e propôs-lhe sociedade.

Debatidas as condições, ela acei-lou e, daí em diante, nos anun-cios de enterro de pessoas de cate-goria, vinha sempre o réclame: — «Enterro a cargo da Agencia Z., Suspiros de D. Miquelina».

Era uma verdadeira virtuose do suspiro.

Recebeu propostas de outras agencias, que ela não aceitou, em-bora suspirasse *por si propria* o arrependimento do contrato feito com a Agencia Z. e o médo de furar o dito contrato.

Entretanto, ganhava o dinheiro que queria e a vida corria-lhe ale-gremente entre suspiros e gestos dolorosos e olhos em alvo.

Conseguiu, á força de muito suspiro, iludir um pouco o contra-to, duma forma inteligente.

Tinha que suspirar *por conta da familia* do cadaver mas, fóra disso, se houvesse alguma visita que precisasse dos seus serviços, ela fazia-o de boa mente; a questão era o preço... Aquilo era carote, pois sempre era um negocio clandestino, mas era raro o enterro em que ela não fazia dois ou três gan-chinhos.

Uma vez ia-lhe saindo caro o negocio. Foi o caso que o *crédor* dum morto quis que ela arrancas-se uma dusia de valentissimos sus-piros. Miquelina acceitou a enco-

menda e a palmeta de cincuenta escudos mas viu-se e desejou-se para inventar *suspiros de crédor*.

Tinha uma grande variedade: de herdeiro, de amigo, de pessoas de familia, de empregado publico, de calxeiro de loja de modas... uma variedade enorme, mas de *crédor* não sabia como haviam de ser tais suspiros.

O homensinho, de vez em quan-do, chegava-se a Miquelina e ameaçava-a de fazer escandalo se ela não suspirasse.

— Já lá vai! — dizia ela, con-vulsa de médo.

A necessidade é mestra em tra-ças e trapaças.

Miquelina chamou o cliente e disse-lhe que fôsse para o corre-dor.

Dai a pouco, num intervalo dos suspiros officiais, ouviu-se fóra da camara ardente uma serie de gru-nhidos tremendos que fizeram tremer os moveis e as pessoas, como se passasse na rua um *ca-mion* da Camara.

Ia havendo panico, se não fôsse o espirito invertido de Miquelina, que entrou na sala avisando que o sr. Fulano estava inconsolavel.

Assim, juntou á sua vasta co-lllecção de suspiros mais esse nu-mero de grande efeito: «os suspiros de *crédor* saudoso».

Tudo corria admiravelmente. A Agencia Z. fazia um negociarrão e Miquelina chegou a ter dias de quinze enterros, onde lançava algumas centenas dos mais variados suspiros.

Outras agencias tinham suspi-radores, até lacrimejantes, e hou-ve uma que quiz lançar os deli-quiros e ataques histericos, mas não pegou a moda. O que o grande publico queria era Miquelina e o seu vasto repertorio de suspiros.

Mas, um dia, toda aquela felici-dade ruiu.

Fôsse indisposição fisica, nervo-so ou o que fôsse, o certo é que Miquelina, no enterro dum hones-to comerciante da nossa praça, não conseguiu arrancar nenhum suspiro de gelto.

Os suspiros da viuva pareciam gatos a miar; os dos filhos eram urros de feraz; os dos caixeiros, cacarejos de galinhas Orpington... Foi um escandalo tremendo.

Quanto mais ela se esforçava, pior. Por fim, sucumbiu impo-tente.

Então, caíndo numa cadeira de bunho, suspirou, suspirou a valer, entidamente.

Foi a girandola final.
— Está a fazer pouco da gente! dizia a familia ludibriada.

O cangalheiro teve que devolver o dinheiro dos suspiros e correu com Miquelina, que continuava o chorrilho dos verdadeiros suspiros.

— Cale-se, sua intrujona! Vá suspirar para o diabo que a carregue! — vociferavam.

— Mas se eu agora estou a sus-pirar a valer! — chramingava Miquelina.

Não lhe valeu de nada. Mique-lina nunca mais foi chamada a exercer a sua simpatica profissão e hoje passa a vida a suspirar de saudades dos bons tempos e bons proventos e quando val, timida-mente, oferecer os seus prestimos, é mal recebida, chamam-lhe fin-gida, falsificadora de suspiros e outros nomes felios.

Moralidade:
Na vida, como no teatro, quem menos sente é quem melhor re-presenta.

CU...ZEBIO.

Noticias do dia

Acto de honradez

O sr. Artur Rebelosa achou ha poucos dias uma carteira com algumas centenas de contos de réis, e que pertenciam ao comerciante da nossa praça Liborio Hernani. O Artur Rebelosa, que foi entregar a carteira ao seu dono, foi muito censurado por todos que tiveram conhecimento da sua attitudé, inclusivé pelo proprio dono da carteira, que a tinha roubado na vespera.

Podemos informar com seguran-ça que se vão pôr cõbro a seme-lhantes casos de honradez, por desnecessarios. De hoje para o fu-turo, casos como este serão puni-dos severamente.

Pequenos delitos

Foi ontem julgado no Tribunal dos Pequenos Delitos o conhecido banqueiro Esperedião Robalo, que na vespera cometeu um desfalque no valor de trinta mil contos, no Banco onde era director. Foi absolvido.

Sem dinheiro e sem automovel

O comerciante sr. Jorge Venancio, da rua da Boa-Hora, apre-sentou queixa á policia por não ter automovel nem dinheiro para o comprar, o que lhe causa bas-tante arrelia, por ver outros mais honrados do que ele e que tem não só um automovel como até dois.

Casos como estes, felizmente raros, devem ser punidos severa-mente, para que de futuro a so-ciedade seja um modelo de virtu-dés.

Descarrilamentos

Ontem, na linha que vai de Que-luz a Sintra, por volta das 15 ho-ras, não descarrilou o comboio que parte de Lisboa ás 14 quando o chefe da estação está bem dis-posto, e que, quando o chefe está neurastenico, costuma partir ás 14 e um quarto.

Não houve desastres pessoais a lamentar.

Queda

Deu entrada no hospital o tra-balhador Natércio Pevide, que on-tem, quando passava pela rua do Ouro, caiu tão desastrosamente que até fez parar o transitio.

Foi também autoado, por não ter obedecido ao sinaleiro, o que lhe teria evitado cair. A queda foi um pouco grave por o trabalhador ser pobre e ter sofrido varias *in-junções*, ele que nunca foi dado a *luros*.

Cacharolete

Percorrendo, hoje, um jornal, li, nas noticias do dia, que houvera grossa balburdia, na Praça da Exeondia, co'a mulher de Ramon Franco e a do mecanico Rada, que, depois de discutirem, se pegaram á pancada.

Dizia a mulher do Rada:
— Entreguem-me o meu filhinho!
E a do Franco recusava entregar o pobresinho:
— Foi a nós que ele incumbiu de lhe dar educação, e não consinto em passá-lo da minha p'ra outra mão.

Palavra puxa palavra, lá se pegaram as duas, houve gritos, atropelos, juntou-se gente nas ruas, E p'ra evitar que seguissem ambas fazendo das suas, mandaram-nas para «juizo», ... que era o que faltava ás duas.

O HOMEM DOS TIMBALES.

Sortes grandes

de o PISA e todos

75 - Rua de S. Paulo - 77

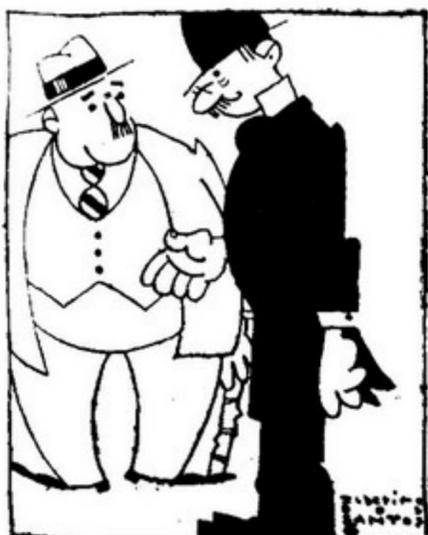
Cronica dos tribunales

Nos Pequenos Delitos respondeu um individuo acusado de embriaguez e de se dedicar á pratica do nudismo na Avenida da Liberdade.

O juiz interroga o captor: —Tem mais alguma coisa a acrescentar á sua participação? —Tenho sim, sr. juiz. O réu, a caminho da esquadra e abusando da minha bondade, pediu-me para ir comprar tabaco. Concedi-lhe a autorização. Ele entrou no estabelecimento e eu fiquei á porta, já se vê... —E ele tentou fugir-lhe, não é isso? —Nada disso, sr. juiz. E' que, busando da minha generosidade, mesmo com sentinela á vista, ele conseguiu beber dois decilitros de vinho... (Risos).

Na Boa-Hora. O advogado instando uma testemunha de accusação contra o seu constituinte: —O réu era uma pessoa mal comportada? A testemunha: —Era uma verdadeira fera lá no sitio. Ameaçava todas as pessoas! —Tambem foi ameaçado pelo réu? —Eu cá não! —Conhece alguma pessoa que de tivesse ameaçado? —Não, senhor...

Uma testemunha instada pelo juiz: —Viu como os casos se passaram? —Eu vi a queixosa a estrabuzar com a ré... —O que pretende dizer com isso? —«Barrulhar»... «cair»...
Um advogado, na réplica dum discurso contra um seu colega da defeza, exclama a certa altura: —Eu, apesar de ser lebre, nunca fugi... O adversario, em ar de remoque, observa: —A não ser do Jardim Zoologico...



—Foi durante o incendio. As chamas alcançaram o telhado... —Morreu queimada? —Não. Os bombeiros chegaram a tempo. Morreu afogada...

DESSPORTOS

O CHUMBINHO!



JOSÉ DA SILVA ROCHA

jornalista brasileiro, secretario da embaixada sportiva que acompanhou os jogadores do «C. R. Vasco da Gama». Visitou Portugal inteiro e sempre que via alguma coisa bonita dizia: Vooê si lembra da minha Maria do Carmo, tambem é bonitinha

Informa Os Sports que o tribunal correccional de Reims acaba de pronunciar uma sentença severa contra um jogador de football que durante um encontro teve a infelicidade de fracturar a perna a um dos adversarios. Parece que o homem em questão foi condenado a três meses de prisão, agravados com uma multa de 10.000 francos. Puzemo-nos a cogitar e achámos que seria uma inovação bem introduzida no football português. Se isto fôsse posto em execução durante a epoca de football, muito trabalho teriam os tribunals e muito seria enriquecido o erario publico. Unicamente esta dificuldade nos surge: —no final da temporada, ainda algum jogador estaria a jogar?

Até que enfim! De verdade, o sr. Chumbinho, do Algarve, conseguiu, depois de muitos esforços, tornar-se pessoa celebre. De norte a sul de Portugal, alfin todos o conhecem e todos possuem, a seu respeito, a mesma opinião.

Um colaborador de O Sport de Lisboa começa assim um seu artigo: —«Receava dar um pontapé no safardana Simões (Chumbinho), que se diz secretario da A. F. A., não fôsse o sapato enterrar-se na parte carnuda e purulenta, obrigando-me depois a desinfectões dolorosas.» E mais adiante: —«E' risivel: receio pôr as mãos em Simões Chumbinho. Se chegamos a vias de facto, deixo-lhe os ossos em tal estado, que nem serão aproveitados para manjares caninos.» E o final do artigo! E' um verdadeiro achado... Ora, apreciem: —«Os clubs algarvios, com gente de brio a governá-los, nem tem nem querem relações com charlatães, com Simões Chumbinho (Joaquim), êrul do conceito de homens honrados.» Vê-se bem que o articulista empunhou o varapau e desancou o pobre do Chumbinho. Com tanta pancadaria, é bem possivel que o pobre do Chumbinho, mais dia menos dia, lá vá a enterrar...

JONICA.

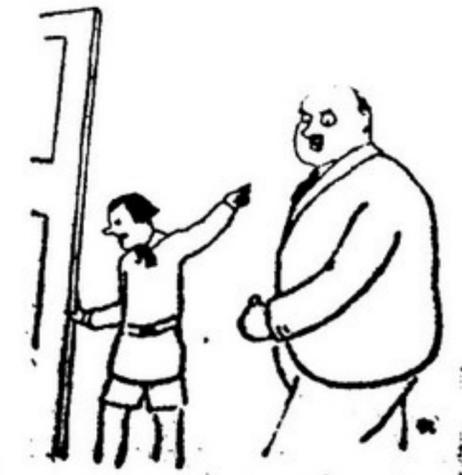


—E' uma venérea parvária contra a tuberculose. Devo-se tomar todas as manhãs com uma dúzia de ovos e uma garrafa de vinho do Porto!

A ingenuidade da Maria

O Jorge e a Maria amavam-se. E como, muitas vezes, dessa maçada que se chama amor nasce essa outra que dá pelo nome de casamento—Jorge e Maria casaram-se um dia. Houve festa riça lá em casa e, a par de abundantes libações que transtornaram a cabeça de alguns convivas, foram os pobres dos noivos agredidos com alguns discursos e votos de felicidade. Como de costume, ainda aquella gente se entretinha a beber, comentando os predicados do noivo e as virtudes da noiva, e já o Jorge e a Maria, numa carruagem de caminho de ferro, trocavam os seus beijos de casados. Lua de mel deliciosa foi a que passaram. Ela, muito pura e ingenua como uma garota de dez anos; ele, muito carinhoso e amigo. Nada parecia querer taldar aquele céu de venturas, a ponto de no sitio ser o casal considerado como o mais feliz. —Aquilo é que é amor!— comentava o mulhierio. Assim era de facto. Mas como não ha bem que não acabe, uma tarde o Jorge chegou a casa aborrecidissimo. —Que tens?— perguntou-he ela. —Calcula lá a minha vida. O patrão quiere que eu vá fazer uma rigorosa fiscalização á agencia do norte. Procurei eximir-me. Ele não cedeu... e amanhã tenho de partir sem falta alguma. Era forçoso a Maria convencer-se com a realidade dos factos, embora ficar sem o Jorge, ainda que por quinze dias apenas, fôsse para ela desgosto profundo. Na manhã seguinte, horas antes da partida, o Jorge, com mil e uma cautelas, pediu á Maria que lhe fôsse sempre fiel. E, aproveitando a sua ingenuidade, foi-lhe dizendo que, se algum dia ela o enganasse, ele immediatamente o saberia porque... na cabeça lhe apareceriam umas antipáticas saliências a salientar o facto. —Palavra? —Juro-o! Dois beijos repenicados e o Jorge partiu. Quatro dias após a partida do marido, recebeu Maria a visita do primo Candido. E veio a talhe de foice contar-lhe a Maria dos recelos do Jorge de que ela o enganasse porque na cabeça apareceriam as tais saliências. —E' mentira isso... Ele esteve a troçar contigo. Asséguro-te que é mentira. Não nasce nada. E a conversa prolongou-se de tal forma que só cinco horas depois o Candido saiu da casa da prima.

Quinze dias depois, chegou o Jorge. Maria foi á porta esperá-lo e, com uma grande preocupação, tirou-lhe o chapéu. Olhou atenta para a testa e exclamou depois ingenuamente: —Mentiroso!...



—Meu pai, está ali aquele sujeito que dizeste ontem que era gordo como um porco...

ECOS DA SEMANA

NAS PISCINAS DA AVENIDA VÃO MUITO ANIMADOS OS BANHOS ÀS RATAS... NEM SÓ DO CHOURIÇO ELAS VIVEM...



É ASSUSTADOR O NÚMERO DE BANHISTAS RAPTADAS NO ESTORIL. SERÃO OS TAIS AVIÕES???



HA 546 ANOS

E FOI ASSIM QUE A PADEIRA DE ALJUBARROTA COMEÇOU A SER FELIZ...



ALEM DA BILHA, VAI SER OFERECIDO A SANTO ANTONIO UM MARTELO E UMTUBO DE COLA, EM PRATA RALADA.



SEGUNDO A IMPRENSA DE PARIS EMFIM... MAIS UMA VEZ PRESIDENTE. = CUBA TAMBEM NÃO É MAU =



O "PARECEMAL" É INCAPAZ DE SE POR AO FRESCO. CREDO. QUE VERGONHA APANHAR BANHOS DE SOL.

